

QUINTA-FEIRA
Lisboa --19 de Janeiro-1928

5 TOSTÕES

2.º ANO



Este numero foi visado pela Comissão de Censura

1.927

ser. ^{Avença Ex.º Sr. Kol de Alvarenga}
fi **semanário humorístico**

Propriedade
RÉNASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57

Igualdade por atacado



- Deixa-o "falá-lo,, sou "analfaveto,, e tenho "munta,, honra nisso. "Inté,, já posso votar!



Os ditos da semana



Chamadas telefônicas

De repente, em muito menos tempo do que as meninas fazem uma ligação, apareceu no *Diário do Governo* o novo regimen dos telefones.

Para se dar os bons dias pelo fio, a um amigo, paga-se cinco tostões. E' barato. Um telegrama é mais caro; é mais caro um galego e mais caro é ainda um taxi, para se fazer o serviço de viva voz.

Daqui para o futuro, os algarismos ficam sendo as palavras mais caras da lingua portuguesa. O zero que até hoje era um sinal grafico sem categoria, sem valor, paga-se pelo mesmo preço do 9, que era o mais alto de todos os algarismos.

O zero, como o quatro, como o nove, ou qualquer outro, custa cinco tostões. E' barato, é baratissimo mesmo.

Ha palavras genuinamente portuguesas que, quando ditas na rua, se pagam por 900 escudos, no Tribunal dos Pequenos Delictos, e não tiveram a agravante de ser anunciadas, espalhafatosamente, pelo retinir de uma campanha.

Com o novo regimen ficam prejudicados os namorados e

tem tudo a lucrar o socego das familias. As mããs deixarão de fechar os telefones a quatro chaves.

Bastar-lhes-ha não deixar cinco tostões fóra do mealheiro.

A onda de trio

Já tínhamos a onda do mar, a onda de calor e temos agora a onda de frio, para não falarmos nas ondas dos teus cabelos de que fala a quadra popular. Anda a gente na rua com a ponta do nariz de fóra, porque não ha sitio azado para o meter, sem graves perigos. Vestem-se dois coletes e duas camisolas de lã de camelo, que o deixa de ser apenas os envergamos, metemos as mãos nos bolsos para as aquecer e para evitar que os nossos amigos lá metam os pés, saltamos a corda, jogamos a malha, damos encontrões nos transeuntes e não ha maneira de apañhar um calor.

Daqui a pouco está tudo gelado, desde os corações ardentes dos namorados até o entusiasmo pela obra do governo.

E o sol aparece a piscar o olho por detraz das nuvens, como se estivesse de oculos fumados, para evitar a oftalmia proveniente de fitar tanta beldade branca como um jaspe que anda por ahi fazendo reclame ao pó de arroz de Coty.

Tudo tão frio, tudo tão gelado, que nem pode a gente entreter-se a conversar nas ruas com um amigo, porque ele não nos ouve—as palavras gelam apenas nos saem da boca.

As vantagens das bestas

A Camara Municipal resolveu alargar a Rua 24 de Julho para a descongestionar. Alargou-a e dividiu-a em tres zonas; uma para os carros electricos, outras para os de-

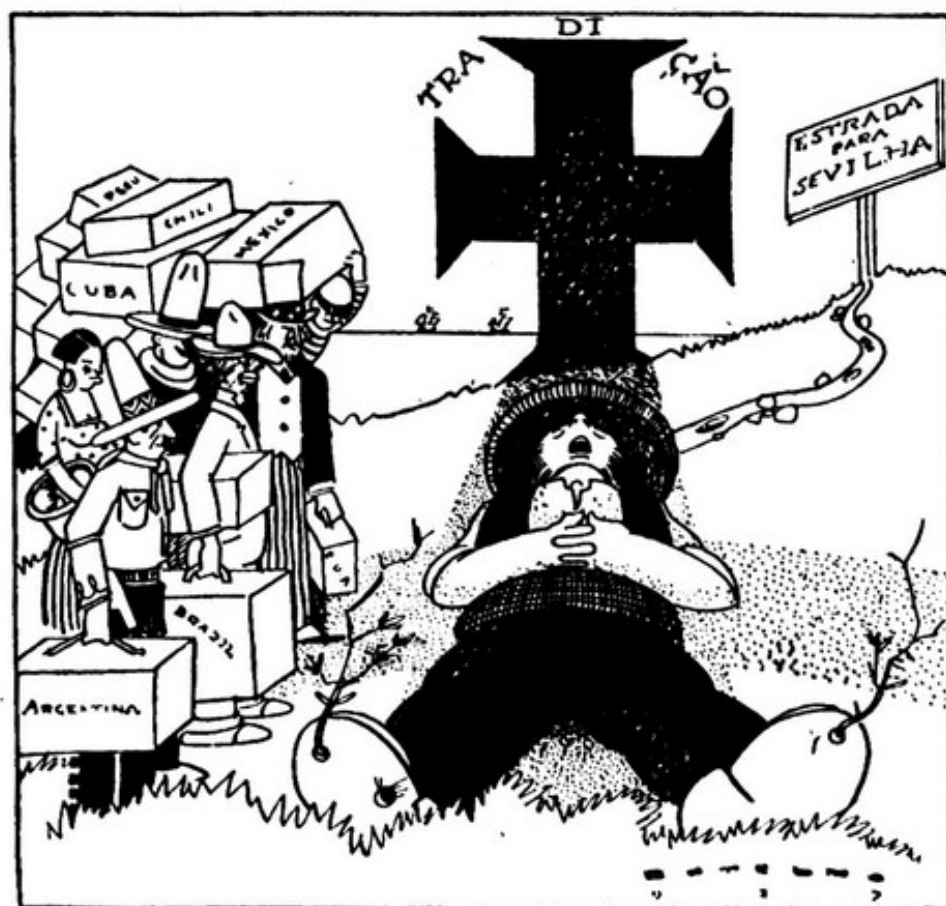
mais veiculos e outra para peões.

Foi uma esplendida ideia que a mesma Camara teve o meticuloso cuidado de estregar logo á nascença. Aquilo assim ficou trabalho asseado. Os carros electricos passaram a circular na zona que confina com a linha do Estoril, o mais longe dos predios que foi possivel arranjar-se e, se não fosse o trabalho que dava estendel-a mesmo á beirinha do Tejo, ou da Outra Banda, a Camara não teria exitado. De modo que, quem precisar de ir a uma casa qualquer, na Rua 24 de Julho só tem uma coisa a fazer: meter-se no electrico, seguir Aterro abaixo até a altura desejada e, se estiver a chover, tomar um taxi para atravessar as tres plataformas da rua, até atingir o predio a que se dirige. Não custa nada e é um instante.

As bestas das carroças e os cavalos H P dos automoveis, esses, caminharão sempre junto dos predios. Em caso de mau tempo, os cavalos e as bestas, estenderão uma pata a vêr se chove e recolher-se-hão prudentemente numa porta, á espera que passe a borrasca.

E assim se prova que, neste paiz, as vantagens estão todas do lado das bestas.

Exposição de Sevilha



—Ergue-te, senão passam-te por cima.



—Vem cá, para te dar uma tarefa.
—Mas eu não fiz mal nenhum.
—Bem sei, mas é que amanhã não estou em casa quando trouxeres as notas do colegio...



O autor (que foi a um teatro oferecer uma comedia):—Oh! diabo, deixei lá o meu guarda-chuva.
A mulher:—Não te apoquentes. Devolvom-to tambem.

BOM HUMOR

Ela:—Não tenho nada que vestir...
Ele:—Mas onde está o vestido que levaste outro dia?
Ela:—Tu julgas que saio á rua com um vestido do ano passado?...

* * *

Ela:—Que idade me dá?
Ele:—Desculpe, minha senhora. Não sou glazoliano...

* * *

Ela:—Como perfurar o seu coração?
Ela:—Talvez com o diamante...

* * *

Ela:—O meu marido oferece-me todos os anos, pela Páscoa, um livro encadernado.

Ela:—Deve ter uma grande biblioteca, minha juvenil amiga...

* * *

No pedido de casamento:

A mãe da noiva:—A minha filha é um prodígio. Sabe guiar um automóvel; está ao par das cotações da bolsa e veste smoking...

O noivo:—Pois eu, minha senhora, embora não tenha tantas prendas, sei coser um botão e preparar alguns pratos saborosos...

* * *

—Quando um oficial se cansa de pelear, deve casar-se...

—Não estou de acôrdo. Quando se cansa de pelear, deve divorciar-se...

* * *

—Graças, menino, por ter-me felicitado e desejado um bom ano...

—Não tem de quê!... O meu pai castigou-me. E' para o não aborrecer que sou tão delicado...

* * *

O pai:—Queres dinheiro para o enxoval? Só agora sei que te vais casar...

A filha:—Santo Deus, papá! Tu não lês os jornais...

* * *

Na rua:
—O seu cão mordeu-me!
—Faça-lhe o mesmo, minha senhora. E' a unica maneira de ele se emendar...

* * *

—Joaninha! Deves estar muito contente. O menino Jesus deu-te este ano muitas bonecas...

—Não são para mim; são para a mamã.



—Pode ele fazer o que quiser que não me vê os dentes tão cêdo.
—Porquê?
—Porque tenho a dentadura a arranjar...

«Seguirás teu marido para toda a parte»

O padre Vicente dissera-lhe, no dia em que se casara: «Seguirás teu marido para toda a parte». E Albertina, longe de esquecer este fundamental preceito matrimonial, resolveu orientar, por ele, a sua conduta.

Embora o marido lhe obtemperasse que aquele preceito não era para ser cumprido á risca, tanto mais que ele era impossível de aplicar a mil detalhes da existencia conjugal, ela obstinava-se em não o atender, ficando surda a todas as suas objecções e clamando, irada umas vezes, sorridente outras, que o padre aconselhara o que estava, com a vontade de Deus, conforme.

Apesar de terem casado por amor, o lar de ambos, longe de ser, como os amigos, os vizinhos e os parentes esperavam, um exemplo de ternura e de felicidade, convertera-se num inferno, em que o diabo andava inteiramente á solta, ameaçador e virulento.

Um dia, o marido, disposto a acabar com aquela obstinação, resolveu armar-lhe uma cilada. Finto o jantar, ergueu-se da mesa e disse, num tom imperativo:

—Hoje vou ao teatro, e não te posso levar comigo.

Albertina olhou-o com estranheza e não ripostou. Tinha o seu plano: quando o marido saísse, faria, com rapidez, a sua toilette e iria, como ele, tambem ao teatro.

E foi. Mas, ao regressar, encontrou o marido em casa. A' ultima hora, declarou ele, hipocritamente:—tinha desistido de ir ao teatro. E,

como a increpasse, Albertina voltou-lhe, com as lagrimas bailando-lhe nos olhos:

—E' a primeira vez que deixo de cumprir o preceito do sr. padre Vicente.

* * *

O marido, convencido de que nunca mais encontraria no lar a paz que ambicionava, acabou por arranjar uma amante, que lhe obedecia cegamente. E um dia, pretextando uma viagem de negocios, partiu para o Porto disposto a viver uma semana de tranquillidade. Albertina seguiu-o logo no outro comboio. Quando soube, já naquela cidade, que o marido a traía, não se exasperou, antes resolveu imitá-lo. E ao primeiro homem que lhe dirigiu um galanteio discreto e que não considerou muito longe de merecer a sua simpatia, correspondeu-lhe de tal modo que, em poucas horas, o idílio assumiu aspectos muito concretos e positivos. E, em pleno dia e em plena praça da Batalha, de braço dado com o seu feliz galanteador — ela era muito bonita — deparou com o marido e a sua ilegal companheira. O encontro foi emotivo, pois, justificando o nome áquella praça, os dois homens bateram-se com furia, até serem conduzidos á esquadra proxima.

Diante do chefe e dos civicos boquiabertos, quando o marido, depois duma longa serie de insultos, lhe gritou, indignadissimo, que ia para o divorcio, Albertina, com a sua habitual obstinação, resplicou-lhe:

—E eu vou tambem!

Cristiano Lima.



—Faz hoje um vento que não me posso segurar de pé.

“Acorda-me ao romper da manhã”

Um lavrador tinha um criado, esplendido serviçal, mas, como não ha bela sem senão, era um dorminhoco impenitente.

Certo dia, o lavrador teve de ir a uma feira para comprar dois cavalos e levou consigo o criado. A vila onde se realizava a feira de gado estava em festa e foi com grande dificuldade que o lavrador conseguiu um quarto no hotel, porque naquele ano a feira prometia ser animadissima, tendo vindo de toda a parte in.ensa gente.

Uma das razões de atracção era a inauguração do cinema, que prometia ser brilhante, segundo os prospectos, que anunciavam fitas com as principais estrelas e os mais afamados comêtas.

Havia ainda como elemento de interesse a vinda, pela primeira vez, da filarmónica «Harmonia e Fuga» de Pampilhosa do Botão de coroula.

A feira, conforme o costume, abriu no dia seguinte por uma girandola de foguetes, dando a fanfarras da vila uma volta á localidade, atrojando os ares com um ordinario por sinal muito ordinario.

O lavrador internou-se por entre a multidão, acompanhado sempre pelo fiel criado, que tinha o encargo de descobrir uma parilha de cavalos iguais e da mesma cor.

Após porfiadas pesquisas, descobriram os animais em questão e, chegando a acôrdo, o lavrador comprou-os, levando-os o criado para uma estrebaria, onde ficaram.

Como o lavrador nada mais tivesse que fazer na feira, deliberou partir para a sua propriedade no dia seguinte, ao romper da manhã. Ao deitar-se nessa noite, deu ordem ao criado para que o acordasse logo ao romper d'alva. A's cinco da manhã, o lavrador acordou sobresaltado e, julgando ser mais tarde, perguntou:

—Que horas são? O criado, como era muito dorminhoco, levantou-se estremuntado e seguiu pelo corredor para ir vêr o relógio, mas, com o sono, enganou-se e, abrindo a porta da despensa, disse para o patrão:

—Patrão. Não ha novidade. Ainda é noite e cheira a queijo.

M. A. Caco Velho.



—Lá vai o Procopio. A mulher teve uma filha com duas cabeças.
—Coitado, não ganha nem para chapéus...

Elevador da Gloria

A America é um país extremamente sêco e original. Tão original que as mulheres fazem de homens e os homens de pobres e submissos maridos. Pois na terra dos dollars... a d'istancia, um numeroso grupo de meninas esadoiras acaba de formar uma tremenda e perigosa sociedade que tem por fim experimentar o homem antes do casamento. Cavalheiro que se declare e queira consorciar-se é vitima, sem o saber, duma perseguição efectuada pelas meninas da sociedade, que se atiram a ele de todas as maneiras possiveis e imaginaveis. Se o homem é cauto e de temperamento é um José do Egito... ainda os ha—está salvo. Perdão, está perdido. Casa-se. Se, pelo contrario, não é de pau, as socias comunicam imediatamente a noiva o que se passa e adeus minhas encomendas. O noivo é declarado infiel, ficando sem mulher. Este sistema, que na America está provando bem, seria optimo na Europa, sobretudo em Portugal. Estou já a vêr seis, oito, dezoito, trinta e oito, quarenta e oito meninas, Chuado acima, Avenida abaixo, atrás do noivo de qualquer Mariquinhas.

O que seria, meu Deus! Quarenta e oito capitosas infidelidades! O português submetia-se de bom grado a todas as experiencias. Pedia bis. Trizava. E ia por ahí fóra, etc., etc. Acabava por morrer electrocutado. O amor, em alta tensão, fulmina...

Andam sempre a dizer que nós não caminhamos. Porque não havemos de caminhar? Aceitemos a ideia americana. Vá, minhas senhoras: fundem uma associaçõsinha do genero. Escolham as socias. As melhorsinhas. O peixe, sem boa isca, não vai no anzol. Mordem todos. O pior é se o mar fica sem pescado. Depois, por mais que v. ex.^{as} estendam a rede, ela virá vazia. Que importaria! Pelo menos, provava-se uma coisa: é que a infidelidade, na nossa terra e mesmo no céo, é ainda o melhor pecado. Ele ha tanto peccador!...



— Oh rapaz, a minha conta não são mais que treze escudos a puzeram-me aqui catorze!
— Perdão, cavalheiro. Eu julgava que o senhor era supersticioso.



— Vêz como foi bom que te tiveses portado bem. Por teres tido juizo e estudado o papá trouxe-te este ano a ver coisas tão boas.

DA GERAL...

«OS DESONESTOS»

No teatro Nacional subiu á scena o horripilante drama em três actos de Rovetta.

No primeiro acto, aparece a Elvira Velés com as orelhas penduradas numas enormissimas argolas de latão. Esqueceu-se de ir ao barbeiro e tras um bigode algo policial. Coloca umas garrafas de vinho Sanguinhal no aparador, mas diz que não são para o Luís Pinto. Entra e Carlos de Oliveira caracterizado de Rei... Colaço e pede á D. Berta para lhe assinar um vale, ao que ella responde que aquilo não vale; no entanto accede. Entra em seguida o Ribeiro Lopes, que por engano interpreta os papeis de «Lesma» e do «Custodia».

Ha um divertido jogo de gavetas que aborrece o publico, mas que elle desculpa por consideração para com o sr. Rovetta. Entra o Zaconi Alves da Cunha, que fala pelos cotovelos e gesticula com... as pernas abertas. Quando já estavamos quasi a dormir, entra a grande tragica Palmira Torres, de olhar vitreo e que do principio ao fim fala como se estivesse lendo uma carta. A certa altura, ajoelha-se, pede perdão ao publico e vai-se embora.

Minutos depois, veem dizer que o Ribeiro Lopes fóra assassinado. Susurro e indícios de alivio na plateia. E' que, na realidade, o desditoso artista estava na perspectiva de apanhar uma formidavel tarefa no segundo acto. E o caso era tanto mais para lamentar quanto é certo que o falecido artista já em três peças seguidas que se fartava de apanhar lambada. Em sinal de sentimento pelo acontecido, o pano cae e o publico vai beber uma cerveja de 2\$50.

No segundo acto, Zaconi Alves da Cunha, sentado á secretaria, vê a nota das despesas e compara-as com a da receita. Fica pior que uma bicha e dá que vai sugerir ao Manoel da Costa a exploração duma revista pornografica no teatro Nacional...

Pornografia por pornografia, antes em revista que no teatro de declamação!

A D. Berta vai a sair e o Zaconi Alves da Cunha pede-lhe um beijo. Em seguida entra a Elvira Velés que, julgando ter o Carlos de Oliveira na barriga, responde desabridamente ao empregario. Este, que tem um gén'o picado das bexigas, despede-a mas não lhe paga. D. Elvira, depois de despedida e mal paga, lan-

ça uma calania, que caiu no chão com um ruido metalico. Aparece o João Calazans, que vem participar ter recebido a carteira que lhe fóra roubada, mas sem o dinheiro que continha. Pede um adiantamento ao empregario, mas este nega-lh'o. Calazans, como doido varrido, saca chorando e cai nos braços da Rosa Cereza.

Zaconi Alves da Cunha descobriu que a morte do Ribeiro Lopes causara enorme prejuizo á companhia e até ao proprio teatro português e, como não podia bater no falecido, dá uma tarefa na D. Berta e rasga-lhe um lenço de cambraia, fabricado na Covilhã. Quando o publico julgava que a D. Berta estava morrendo aos bocadinhos, em virtude da tentativa de estrangulamento, ella, impávida e serena, levanta-se e compõe a passadeira. Abobora!!

Zaconi da Cunha põe as pernas em fórma de Arco da Rua Augusta, faz o elogio funebre do Ribeiro Lopes e ameaça partir todas as cadeiras e o scenario, já de si tão misero.

E, ao vêr a casa das moscas, diz que vai roubar para poder pagar aos credores. Depois cai chorando, D. Berta imita-o e o publico faz o mesmo. O pano cai e alguns espectadores caíram em ir ao bufete.

No terceiro acto, aparece a mesma scena para variar e a Branquinha, acompanhada dum garboso ataque de gripe. O Carlos de Oliveira chama-lhe um figo, o publico um pécego, mas ella responde a ambos que ha... mas estão verdes. Carlos, desgostoso com a *tampada*, rouba bombons mas, assim que sai de scena, devolve-os ao contra-regra, que tem um trabalho insano a fingir que fecha a porta.

Fala-se em abundancia na casa de Moretti, mas e publico não acredita. A Branca aparece com uma criança crescidinha demais para andar ao colo e em seguida vai deitar-se. Entra o Zaconi Alves da Cunha que, não conseguindo arrompar um cofre, o mete dentro duma pequena mala. D. Berta agarra-se ao marido, elle finge que está com pressa e embrulha as cuecas num jornal. Depois de uma scena patética, D. Berta cai pela centessima vez e o pano cai tambem assim que o Alves da Cunha sai com o chapéu *de três pancadas*.

Devido ao adiantado da hora, o quarto acto foi adiado.

Recix.



— E porque te quer elle deixar?
— Porque não uso o cabelo cortado.
— E tem razão. Já se viu uma mulher com uma galorina? Isso é bom para os homens.



A virtude das môscas

— A's vezes ha dificuldade em conhecer a nacionalidade de determinados individuos, por não se saber a lingua que falam, mas ha sempre um recurso — as môscas.

Isto era dito por um homem baixo, de olhos pequenos e maliciosos, que tinha por alcunha «O Sabichão», num café do Cais do Sodré. Os amigos, com um ar de mofa, troçavam, dizendo que a cerveja não tinha poder algum para esse efeito. Outros efeitos teria, mas esse não!...

Entretanto, entraram no café quatro marinheiros, cuja lingua elles não perceberam, que mandaram vir cerveja. Os amigos, para atrapalhar o outro, pediram-lhe que demonstrasse a sua tésse, ao que elle acceheu prontamente, encarregando o criado de pôr em cada cerveja uma môsca.

Os amigos pasmaram do estranho pedido, mas aguardaram pacientemente os resultados da experiencia.

O primeiro marinheiro chamou o criado e disse por gestos:

— Traga-me outra cerveja!

— E' inglês! — disse o «Sabichão».

O segundo meteu o dedo minimo na cerveja, tirou a môsca e bebeu-a.

— E' espanhol! — concluiu.

O terceiro, sem hesitações, bebeu a cerveja com a môsca.

— E' russo! — explicou.

O quarto e ultimo, tambem, por gestos, pediu ao criado outra môsca e, só depois de servido, bebeu a cerveja e as môscas.

— E' alemão! — concluiu o «Sabichão».



O medico: — Esta pequena sofrerá sempre dos olhos se a senhora continua a levá-la ao cinema.

A mãe: — Mas que quer o doutor que eu faça? Tenho pena de a deixar sósinha em casa.



Ela — A sua amiga Dolly dá que só beija os irmãos.

Ela — Sim, mas é que ella pertence a seis irmandades.

Cine-Fixe

Matinée das quintas-feiras

Lisboa, foi, sob o sol,
arejar a pacotes
p'ra vêr o *atleta* espanhol
a jogar co'o português
na luta do *foot-ball*.

Yiva a Patria!... E vai *de* *pois*,
qualquer *deles* *bebês* *dois*...

Y assi, a *nuestros* *hermanos*,
con *Hurras!* *Vivas!* y *Olá!*
por *una* *question* *de* *piés*,
nos *hemos* *dado* *las* *manos*...

Agora a *Lisbia* *infelis*,
outra vez, voltou á antiga:
Já não se veem *fazis*
pelas ruas á *formiga*.

E, por fim, todo este inferno,
que nos dá voltas ás *ruas*
é estarmos nós no inverno
e a *questão* *ser* *de*... *palhinhas*...

Mas a *fita* *colorida*
p'ra empolgar as multidões,
a que vai ser discutida,
é a *fita* *das* *eleições*...

(A segunda parte desta fita seguirá
imediatamente)

Fecha a sessão, um *facêto*
film *anciosamente* *esp'rado*:
E' a *venderem* *retros* *preto*
as *actrizes* *no* *Chiado*...

FIM

Jotabê.

DIZ-SE

que Bento Faria vai pôr um anúncio solicitando um maestro que lhe musicar a opereta *Manoel dos Passarinhos*...

— que dizia alguém noutra dia, ao lêr o *Jotabê*: «Estes versos são *inversos*...

— que os *Detonatos*, no teatro do Estado, parece *piada*...

— que o Urbano Rodrigues todo se rebola quando o Gil Ferreira lhe chama *doutor*...

— que está para ter o seu bom sucesso o dr. Ramada Curto... com a peça *Demonio*...

— que o Perry Vidal vai ser contratado para fazer um nú *artístico*...

— que o dr. José de Figueiredo vai ser convidado para ir complicar a *questão* *de* *Glozel*...

AMARAL REIS

(alfaiate)

ROCIO, 93, 1.º — Telef. 4663 N.



— Minha mulher e eu somos duas vítimas da moda.

— Tentaram-se com o luxo?
— Não, homem, somos vítimas porque minha mulher era costureira de coletes e eu fabricava ganchos para o cabelo...

O PNEUMÁTICO DOS CORREIOS

Em todos os países do mundo, o serviço dos correios merece a mais atenta admiração, não só pelo bom serviço, como pelas instalações modernas. Madrid tem um palácio incomparável. Ali, se existisse o nosso sa-loio ou provinciano com fôros de arabe, teria duvidas se teria que descalçar-se como numa entrada de mesquita, se teria, se fôsse acrobata, de pôr as mãos no chão e os pés para o ar até junto do *guichet* das estampilhas.

Em Lisboa inaugurou-se a secção Norte, nas Avenida Novas, que é uma especie de gigantesco ferro de engomar, muito limpo e, portanto, e mais puxado á sustancia possível para o local.

Em relação á temperatura da nossa capital, os nossos postos de correio merecem especial referencia.

Damos, por exemplo, o posto dos correios e telgrafos da rua Luz Soriano, em Lisboa.

Em companhia de um antigo jornalista e diplomata, fui deitar um telegrama. A casa exigua, mas limpa, deu-me a impressão de uma secção de penhores da Caixa Geral dos *cos*.

Um escriptorio ao centro e varias meninas de negro aos *guichets*, e no expediente, além de uma visita com traje de passeio, tudo isto, alfacinhamente falando, pitoresco, dava-nos, como disse, a impressão citada, *double* de uma modesta casa de familia.

A caneta para escrever os telegramas estava presa a um cordel muito

forte, como antigamente se fazia aos garfos e ás facas da tradicional casa das iscas do Arsenal, para que os frequentadores a não roubassem.

A certa altura, diz-me o companheiro:

— Olha, aqui tambem há serviço de telegramas pneumáticos. Bravo, isto está modesto, mas muito adiantado.

Ora, é preciso que os leitores saibam o que é o serviço dos pneumáticos. E' um tubo subterraneo que leva um carrinho, impulsionado por uma alavanca, para determinadas zonas. Pois, meus caros leitores, ao fundo, sobressaindo por sobre uma divisoria, lá estava a alavanca impulsionadora. Isto, na ilusão do meu companheiro...

— Lá vai um telegrama—diz-me ele.

E, logo a seguir, um ruido exquisito de um pneumático aspirando.

Aquele aparelho que toda a gente vê e pode, com paciencia, controlar os telegramas expedidos pelas empregadas, não é nada do que se julga. E' simplesmente um autoclismo vulgar de Lineu que acciona conforme as *necessidades* e a exigencia dos serviços mais vulgares dos correios e *torres*.

A's vezes, a aglomeração de povo é grande e, como o serviço é moroso, recomendamos um bocado de alfama ou incenso queimado, como se faz nos santuarios.

E será mais um passo no progresso das instalações dos C. T. e W. O.

Reporter B.



— Falsas estas perolas? Não diga isso, menina. trago-as directamente da Alemanha. E' bônite, englaçade.

O "SEMPRE FIXE" daqui a 50 anos

Do «Sempre Fixe» de quinta-feira, 19 de Janeiro de 1978

ESTETICA CIDADINA.—Começom ontem, para honra de todos nós, a demolição de varios mamarrachos que salpicavam a nossa linda capital como pingos de lama.

O primeiro desses pseudo-monumentos a ser demolido foi o do Poeta Chiado, que tão anciosamente pedia papel antiseptico aos frequentadores da Havanesa.

Seguiu-se um boneco que, durante anos, foi conhecido pelo *Homem de Leme* e que se averiguou não passar dum reclame ao oleo de fígado de bacalhau.

Depois, o justiceiro camareiro atacou o bronze vergonhoso da «Morgadilha de Val-Flôr», e a esta seguirão varios outros, como o gigante «Adamastor», «A Preguiça», etc.

Consta que estes mamarrachos figurarão brevemente no «Museu do Mau Gosto Nacional».

SECÇÃO DE ANUNCIOS

«Breack»

VENDE-SE. Preço convidativo e em bom estado. Serve para duas bestas. Cartas ao n.º 11.

Oferece-se

COSTUREIRA. Só aceita calças. Rua das Atafonas, 422, 1.º.

Bacias

DE SENHORA, concerta-se. Ficam como novas. Carta ao *Sempre Fixe*.

Lulú

DA POMERANIA. Muito meigo. Cede-se a quem o tratar como familia. Resposta a D. S.

Casamento

CAVALHEIRO chegado da provincia com bom «halito»... dos pés e alguns meios de fortuna, deseja consorciar-se com senhora nova... ou usada. Resposta ás letras A. B.

Compram-se

PIADAS em bom uso para uma peça em preparação. Carta ao n.º 2.

Isclas

PARA casamentos ricos. Vendem-se. Carta ás iniciais F. D.

Precisam-se

«PATOS» para depear. Não importa que sejam velhos. Resposta ao n.º 253.

Volante

SENHORA nova, com reumatico, gaga e amadora de automobilismo, pede a cavalheiro lhe ceda o volante. Resposta ás iniciais J. B.



— Não havia nem cinco minutos que andava caçando, quando vi um leão enorme estendido aos meus pés.
— E quem o tinha morto?



Mal sabem os encenadores cinematográficos, quando procedem ao recorte duma película, que existem mortais capazes de o classificarem de insuficiente, cortando a fita depois de recortada.

Nós sempre fomos uma nação em que a intriga, a má-lingua e a tesoura imperaram soberanas, mesmo sem as constituições que inventa o sr. dr. Costa Lobo. A tesoura, então, trabalha que é um louvar a Deus, não poupando as nudezes mais artísticas, os martírios mais convincentes, as revoltas em mas a mais fotogénicas, — sempre sob os unânimes apoios dos redactores de *A Voz*. E não paramentaram a Léa Niako porque era autenticas, — só são proibidas as reproduções animadas — e para não arrolarem o Felix Correia. Que sabor teria, de facto, a noticia do rapto duma bailarina... em camisa de dormir?

* * *

No Tivoli, na semana passada, a coisa foi tam séria que não mereo um chiste mais pesado. As *façanhas do «Emden»* evocam tam trágicos successos que não vale brincar aos criticos cinematográficos, e *O tio da América* é uma farça trágico-soporifera, indigna da minha graça. Se não se vendesse o *Sempre Fixe* na tabacaria, sabia de lá tudo neurasténico. Valha-nos esta semana o Miguel de Saavedra, com Cervantes e tudol ditoscos olhos os que virem a bela figura que Pat faz no *Cavaleiro da triste figura* e a pança de Patachon representando a primor o abdomen de Sancho.

No Odéon, andam por lá os dentes de Aileen Pringle e os pés de Meë Murray inspirando, respectivamente, amôres ao Conway Tearle e ao buchinha do Bushmann. A filha do cigano era digna de ilustrar um Manual espirita e *O colar de diamantes* não vale uma pulseirinha de prata. Basta dizer que a acção é em Paris e a fita americana. Eu não tenho nada com isso, mas *si j'étais parigot*, ia partir a cara ao Christy Cabanne.

O Politéama está de luto. A tesoura confundiu a *Bonequinha de Paris* com uma pescada, — e vamos lá que teve razão, porque a Lily Damita... *est un poison* — teve ciúmes do dominio publico e cortou-lhe cada posta que até fazia impressão. O Castelo Lopes guardou-a para melhores aguas, quando estiver regulada a questão piscatória. Até aqui, ninguém pesca nada, lá isso é verdade... Vamos a ver se os maridos de Edith não são tantos que *res messieurs* julgou conveniente a supressão de alguns. Edith é a loura Laura, a Laurinha porque deliram os *alfacínfilos*, que não perderam muito com a troca, pois entre eles abundam os *lauralplantófilos* enraivecidos (ou *enragés*, como queiram).

No Olimpia, Jimmy Aubrey tambem desapareceu da circulação fiduciária. Houe por lá *shoot* de meia-noite, em honra da firma Zamora, Samitier & C., sociedade anonima de responsabilidade muito limitada. Esta semana temos o celebre *Chapeu de palha de Italia*, do meu amigo René Clair. O O'Donnell, que é O'Donno do *O'Impia*, sabe perfeitamente que todos comem a palha, e questão é sabê-la dar. Mas vá lá de graças, que aquilo é, nem mais nem menos, a mais curiosa produção do ano que passou.

Retardador.



Ela:—Sinceramente. O que me encanta é a sua voz. Parece que fico louca pelo saxofone.

A NOVELA DO "FIXE"

O DIABO MENDIGO

Faltava um quarto de hora para que caísse do alto da velha torre as doses badaladas das 24 horas. Quando essas fatídicas horas apareceram, em resultado da sua queda, estateladas no pavimento da rua, justamente quando elas fossem a passar junto da vidraça, o sr. Arcanjo aguardava a chegada do diabo, que não podia deixar de ser pontualissimo.

O sr. Arcanjo tinha decidido uma coisa grave. Invocara o diabo, aprazara com ele uma entrevista e estava disposto a assinar um pacto em troca de uma empenhoca para entrar em um chorudo lugar, como contador na Companhia dos Diamantes.

Certo da sua pretensão, matou uma galinha e, com o sangue, que deveria fazer um arrós saboroso, começou por intrujar o diabo e redigiu a declaração da entrega da sua alma.

— Se o diabo for amiguinho, a coisa é... galinha.

De repente, soaram as badaladas da torre e o sr. Arcanjo sentiu bater á porta.

— Quem é?

— Um pobre diabo, meu senhor.

O sr. Arcanjo foi abrir e deu passagem a um autentico pobre diabo.

— Que é que o senhor quer?

— V. Ex.^a chamou-me.

— Vá para o diabo. Eu estou á espera do diabo, esse cavalheiro que habita no inferno.

— Sou eu.

— Você, com essa apparencia?

— Mas que julga voceleencia que é um diabo. Supõe naturalmente que ele apparecia tal como o pintam. Está redondamente enganado.

— Tem cartão de identidade?

— Não, senhor. Roubaram-me.

— Então você deixou-se roubar? E quer, depois disso, que eu o tome pelo diabo?...

— Ah! meu caro senhor... Actualmente, o proprietario do inferno é um... pobre diabo. Qualquer oriança do vosso tempo o intruja.

— Então o inferno está assim tão por baixo?...

— Olhe, meu caro senhor. A carestia da vida tambem chegou aos meus dominios. As almas já não dão para o petroleo, de maneira que, de vez em quando, tenho que vir cá para fóra dar a minha passeata, porque ha meses em que, no inferno, se morre de frio.

— Imponha-se. Reclame.

— Perdi o prestigio. Toda a minha proverbial malicia é bom ridicula ao lado da intrujice que campeia á superficie da terra.

— Então para que veio á minha chamada?

— Para que o senhor me desse um pouco de sangue...

— Para assinar o pacto?

— Não, senhor. Como o sangue é de galinha, o senhor deve ter guardado o resto e eu fazia um bolo prático de arrós...

QUADRAS POPULARES

O mar tambem tem amantes para amar nas horas d'ocio... E' casado com a areia, anda a tratar do divorcio!

Era já noite serrada, disse o filhinho á mãe: — Se não estás embriagada, 'stás a fingir muito bem!

Da minha janela á tua vai o salto duma cobra... Entrei lá p'ra vêr-te nua, p'ra sair é que foi obra...

Quem tem filhinhos pequenos, por força lhe ha de cantar... — Isso era dantes, agora põe-se o «Columbia» a tocar!

Quem me dera ser a hera pela parede a subir! Mas tua mãe, essa fera, não me faria cair?...

Raparigas, tomai tento, Cachopas, não vos fieis! Se qu'reis saber num momento o mister do dos paineis!

Preguntei a um fadista se tinha religião. Chamou-me burro e sacrista e apontou-me um garrafão!

Chega á janela morena, vem ouvir a serenata! Mas sem barulho, pequena! ... Vê lá teu pai não te bata!

O rôsto do meu amor é da côr da neve pura! — Se o quer's vêr mudar de côr, manda-o p'r'ás mãos da censural!

Eu tenho um sonho doirado: — morrer de «sufocação», com um lapis azul ao lado e uma tesoura na mão!...

Assassinadas por

Anibal Nazaré.

AS MELHORES CEIAS

são as da PENINHA

Os melhores jantares ao domicilio

são os da PENINHA

67, Rua Pascoal de Melo, 69

Telefone Kerta 5582 (4 Estolama)



— Lá vem ele! Quo raiva, logo hoje é que eu não venho pintada.

!! Não queira ficar assim !!

USE A VITELINA-VITERI

TONICO AMARELO

Torne os seus cabelos fartos, abundantes, limpos e sedosos

FRASCO 8500

Deposito—VICENTE RIBEIRO & C.

R. dos Panqueiros, 84. 1.º D. Lisboa



EM FAMILIA



— Lembra-te de que tenho sido para ti um segundo pai...



O que se diz e o que se não deve dizer...

Um match de box no Paraizo

Naquele estágio feliz do Paraizo, em que tudo é mel e doçura — os *eleitos* andavam aborrecidissimos.

Os concertos classicos de harpas e de liras pareciam monotonos — como pareciam maçadores os côros suaves dirigidos com competencia por Orfeu.

As conversas de Platão e as conferencias de Socrates já não interessavam ninguém. E era com septicismo que se assistia às sessões de prestidigitação em que Pitagoras fazia girar a sua mesa.

Os *eleitos* aborreciam-se — e a coisa era grave.

Foi então que, para os distrair, o mais importante jornal da localidade, *O Diário do Céu*, decidiu, a exemplo do que se faz na miseravel Terra, organizar um *match* de *box*.

O publico podia recrutar-se aos milhares. Os *segundos* e os arbitros apresentaram-se às centenas. Mas nenhum pugilista se inscrevia.

O director do *Diário do Céu* resolveu procurar Hercules em sua casa. Encontrou-o aos pés da Dona Omphale, muito ocupado a fiar, cantando uma das velhas canções ingenuas que lhe ensinara a avó quando era pequenino.

—«Hercules, venho pedir o seu concurso para um combate de *box*.»

«Em exhibição?»

—«Não! Um combate a valer.»

—«Nada feito;— respondeu Hercules —tenho que acabar este trabalho. E' para uma venda de caridade. Prometi-o a Penelope, que ha de dirigir uma barraca de bordados.»

—«Mas o interesse do desporto...»

—«Meu velho, nunca n'guem dirá que um tipo como eu não é desportivo. De resto, não estou treinado.»

—«Meu querido — interveio Dona Omphale — um pouco de exercicio fazia-te bom. De ha um tempo para cá estás criando barriga...»

—«Tenho horror de combater — declarou o heroi — mas já que insistes, aceito.»

Tendo a adesão de Hercules, o director do *Diário do Céu* correu a casa de Sansão, por quem esperou um bom bocado.

—«Desculpe tê-lo feito esperar, mas tive uma discussão com Dalila. Imagine que aquela maluca acaba de cortar o cabelo á *garçonne*. E' uma mania!»

O director disse ao que ia. Sansão recusou:

—«Impossivel! A minha cabeleira ainda não está bem crescida e não estou em forma.»

—«Mas você tem uma semana diante de si, e com umas fricções com um bom tonico deve ficar magnifico.»

—«A'ém disso, ainda estou resentido do esforço que fiz para abanar as colunas do templo. Parece que não

foi nada, mas experimente o senhor fazer o mesmo...»

—«Pois sim! Mas Hercules não se pode comparar ás colunas do templo.»

—«Ele é muito forte?»

—«Não! Exagera-se muito... Tem pouco fôlego. Você ganha quando quiser.»

Alguns dias depois, havia grandes cartazes em todos os muros do Céu:

Grande combate de «box», categoria de «pesados», em vinte «rounds»

HERCULES contra SANSÃO

Arbitro: AQUILES

«Speaker»: DEMOSTHENES

Na noite do grande *match*, uma enorme multidão enchia o Coliseu, quando começou o combate de que damos a reportagem exacta:

Primeiro «round» — Sôa o gong e os adversarios ficam sentados, cada um no seu canto. Os *segundos* exortam-nos a levantar-se.

—«Vai-te a ele!» — diz um companheiro de Sansão.

—«Não tenho pressa.»

Por sua vez, Hercules declara perentoriamente:

—«Não devo ser o primeiro a levantar-me. A minha dignidade acima de tudo.»

Sôa o gong. Fim do primeiro *round*. Igualdade.

Segundo «round». — Com um ar indifferente, Hercules dirige-se para Sansão. Este levanta-se bruscamente. O arbitro anima-os. Sansão pergunta-lhe:

—«O que é que você tem que vê com isto?»

—«Apoiado!» — diz Hercules.

E cam'nham ambos ameaçadoramente para o arbitro, que manda acabar o *round*. Igualdade.

Terceiro «round». — Hercules tenta uma offensiva, atirando a Sansão a esponja. Resposta de Sansão, com uma toalha enrolada em bola. O publico protesta e grita:

—«Isso é chiqué!»

Hercules levanta-se, e com a mão sobre o peito, declara em voz alta:

—«Não ha o direito de dizer isso a um homem que levou a cabo 12 grandes trabalhos, sem contar os pequenos.»

Omphale grita-lhe:

—«Conta-lhes como limpaste as cavalariças de Augias!»

O publico em côro:

—«Estamos fartos de ouvir essa historia!»

Fim do terceiro *round*. Sansão, que vê que as coisas estão a tomar um mau caminho para o seu adversario — marca uma ligeira vantagem.

Quarto «round». — Dalila grita que Hercules tem medo. O heroi aproxima-se de Sansão e pergunta-lhe se toma a responsabilidade da afirmação. Sansão diz que sim e apanha uma grande bofetada. Cheio de dignidade e correcção, anuncia a Hercules a visita de dois dos seus amigos para tratarem dum duelo — e dá-lhe um pontapé na bôca do estomago.

Finalmente! Pegam-se. E recusam-se a voltar para os cantos respectivos, quando sôa o gong. Na impossibilidade de os separar, resolve-se que o *match* continue até resultados definitivos.

Enquanto Hercules lhe dá murros, Sansão arranca as cordas do *ring* para ligar o adversario. Hercules dá-lhe uma *rasteira*. Sansão, furioso, chama-lhe *felisteu* e começa-lhe a dar tremendas pancadas com a queixada de burro. Hercules entrega a sua afamada moca.

O publico delira. Sansão berra:

—«Não deixam ouvir nada!»

E, agarrando no arbitro, projecta-o sobre os espectadores. Os *segundos* levam o mesmo caminho, com uma velocidade proporcional ao quadrado do seu pêso.

De repente, Hercules tem uma ideia genial — coisa pouco habitual nele. Durante um corpo-a-corpo com Sansão, arranca a este alguns cabelos. Como sinta o adversario enfraquecer, continua com a mesma tactica. Os golpes de Sansão diminuem de vigor. Ao vigesimo punhado de cabelos arrancados, Sansão grita:

—«Desisto!»

E cae no chão a chorar, á maneira de Cruz Coelho.

Hercules é levado em triunfo.

* * *

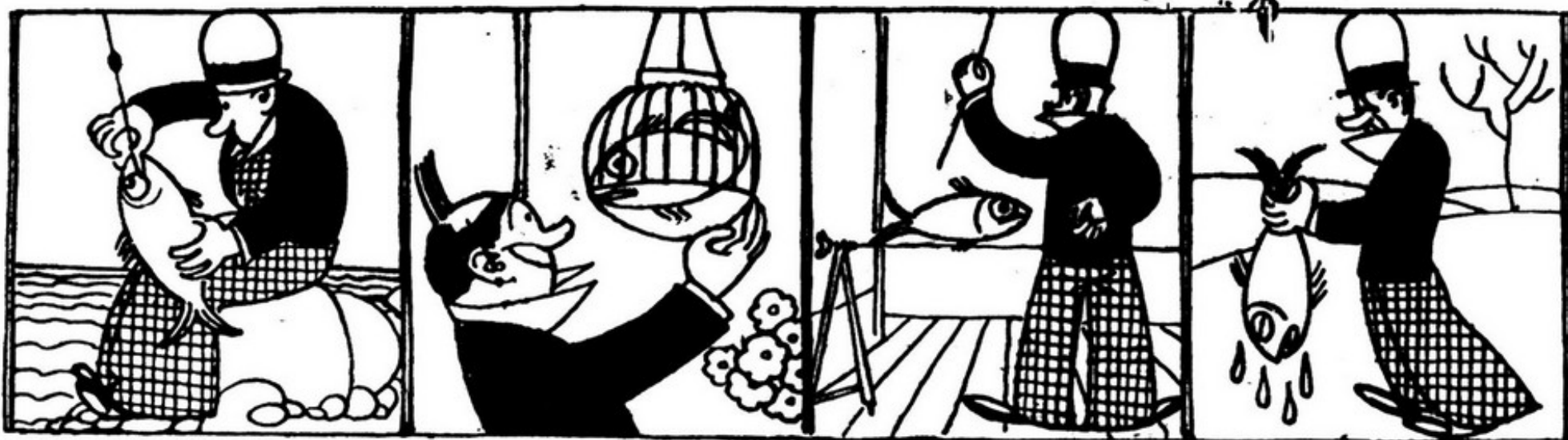
Perante o exito de bilheteira, estão já anunciados, para a semana proxima, os *pêsos médios* Abel e Caim, em *match-desforra*.

Olhem a erva



O foot-ball nacional vai subindo, mas se prova erva está perdido

Rebola-A-Bola.



Rebocho pesa um linguado e consegue tirá-lo do anzol com vida.

Em casa acostuma-o a viver fora da água a pouco e pouco.

Ensina-o a andar no arame como qualquer artista de circo.

Um dia, levando-o a passear, caiu num lago e morreu afogado.



— Como se compreende que estando V. Ex.^a ao pé do seu marido ele se suicidasse?

— O medico tinha recomendado por umas poucas de vezes, que nunca o contrariasse, porque isso lhe poderia ser fatal...



— Então, que me diz, senhor doutor?

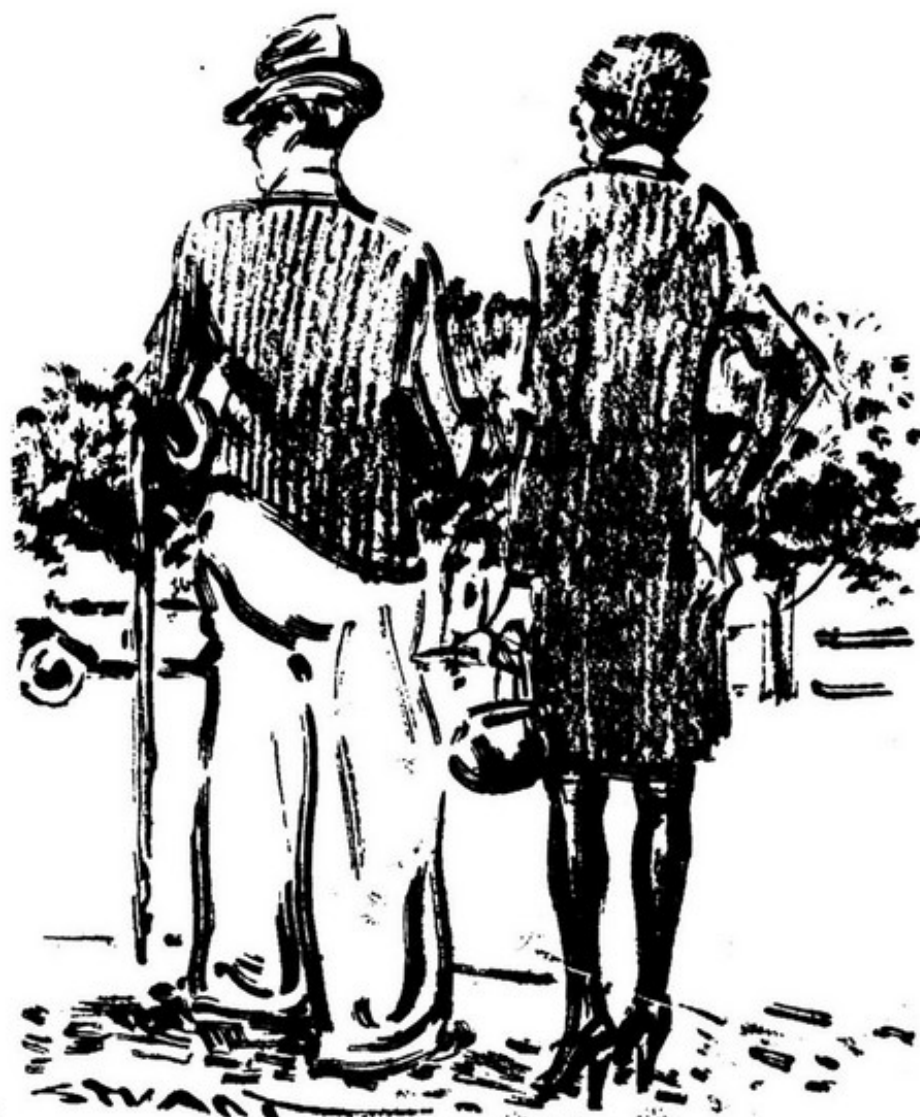
— Infelizmente, minha senhora, seu marido deve esta oheio de bacilos de Kock.

— Não pode ser, sr. doutor, nós só cozinhámos a lenha!



— Oh vizinha, tenha mais cautela, não atire com as espinhas de carpau para cima das minhas flôres.

— Oh vizinha, nós agora só temos comido salmão.



— ELA — Estou com pressa, e se tivesse dinheiro metia-me num taxi, mas só tenho para o electrico.

— ELE — Pois vai tu no taxi que eu vou no electrico.